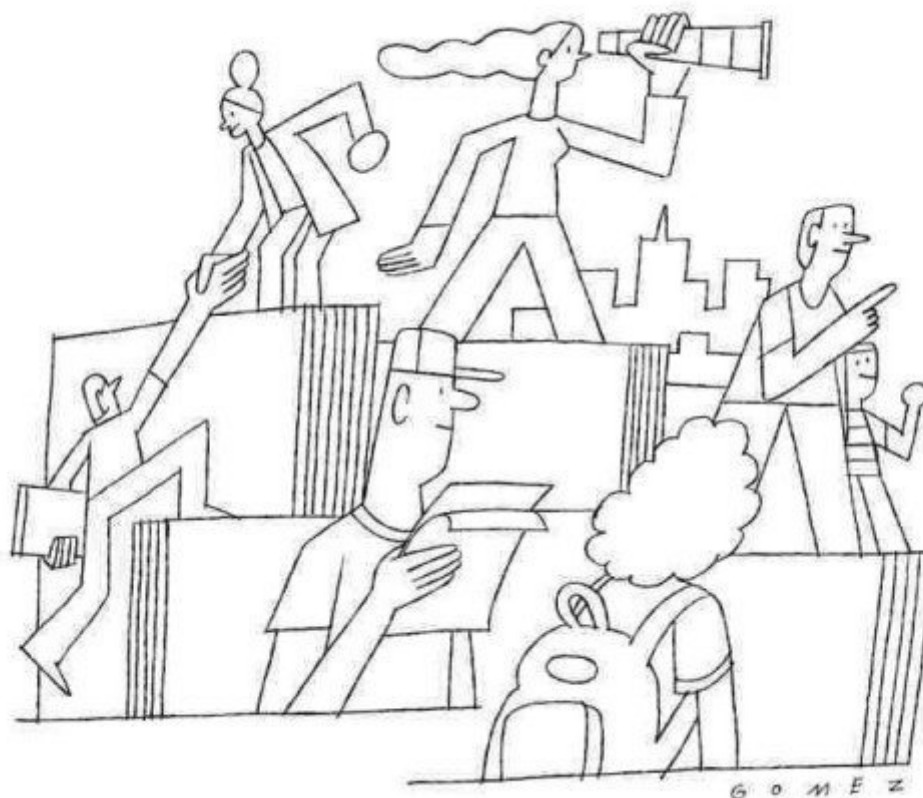


CORREIO BRAZILIENSE

2 de setembro de 2022

Revolução educacional

José Pastore



(crédito: Caio Gomez)

O Fórum Econômico Mundial (Davos) estima que o mundo precisará requalificar 1 bilhão de trabalhadores até 2030. Só para atender a indústria de transformação e da construção civil do Brasil, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) vê a necessidade de qualificar mais de 10 milhões de trabalhadores até 2025. Agricultura, comércio e serviços, igualmente, requerem qualificação e requalificação de milhões de trabalhadores. E para todos esses setores, necessita-se de uma requalificação permanente que permita acompanhar a grande velocidade de mudança nos métodos de produzir e vender.

Trata-se de um desafio imenso e de extrema complexidade. A escola sozinha, não dá conta do recado por não conhecer a natureza da demanda. A empresa igualmente é impotente por não conseguir proporcionar a educação básica que é indispensável para se aprender as novas profissões. O governo tampouco está aparelhado para acompanhar as meteóricas mudanças no mundo do trabalho.

Esse desafio exige uma íntima interface entre escola, empresa e governo. É isso que se observa nos países avançados onde o governo cria os estímulos e as escolas e empresas realizam a qualificação.

Na Europa, especialmente nos países do norte, os investimentos em qualificação e requalificação contínuas vêm aumentando a cada ano tanto por parte das médias e grandes empresas como das escolas de formação profissional, com frequência, amparados por incentivos governamentais (Konstantinos Pouliakas e Patricia Wruuk, "Corporate training and skill gaps", Bonn: Institute of Labor Economics, 2022). O mesmo ocorre nos Estados Unidos e em países da Ásia ("Top content providers for upskilling and reskilling employees", Plataforma e-Learning Industry, 2022).

No Brasil, temos 2.300 universidades corporativas que cuidam da capacitação do pessoal de empresas, além de 2 a 3 milhões de jovens que se formam nas escolas do Sistema S, as do setor público e as particulares. Mas, tudo isso ainda é pouco perto das necessidades do país. O resultado de todo esse esforço está qualificando menos de 10% da nossa força de trabalho enquanto nos países avançados isso sempre ultrapassa os 40%.

Em nosso país, temos o agravante da má qualidade do ensino fundamental e médio da maioria das nossas escolas. Ou seja, entre nós, falta não apenas trabalhadores qualificados, mas, sobretudo, trabalhadores qualificáveis. Por isso, o nosso desafio é ainda maior. Sempre vi com bons olhos o movimento de Santa Catarina "Indústria pela Educação" promovido pela Federação das Indústrias daquele estado que procura superar as deficiências de educação básica dos jovens, para então qualificá-los nas profissões demandadas. São mais de 2 mil indústrias e 350 mil trabalhadores. Hoje em dia, todo o estado se engajou nessa parceria, envolvendo também o comércio, serviços, atividades agropecuárias e os órgãos de educação do governo. É o movimento Santa Catarina pela Educação.

Os resultados têm sido promissores tanto para os jovens como para as empresas. Uma boa educação básica é fundamental para os trabalhadores acompanharem a evolução das tecnologias e se prepararem para profissões que não existem hoje, mas que existirão amanhã.

Poucas empresas têm escala para criar universidades corporativas, mas, pequenas e médias se beneficiam, de arranjos como o realizado naquele estado. Vale a pena ampliar essa iniciativa.

José Pastore - Professor da Universidade de São Paulo e presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP. É membro da Academia Paulista de Letras.